



EX VOTO DO POVO BRASILEIRO PARA O REI DO BAIÃO QUE
NASCEU NO Povoado de Exu Sertão de Pernambuco
VIAJÓ DE PAU DE ARARA PASSOU FOME COMEU PÃO QUE
O DIABO AMASOU CANTO NAS RUAS TOCO NOS BORDEIS
VIRO SORDADO PRA TEÓ QUICUME E VITICANTO NO
RADIO E TELEVISÃO E CRIOU A ALMA DA MÚSICA
BRASILEIRA COM SUA SAMFONA VIVA LUIZ GONZAGA

J. Cunha



Zumbi Memorial (afro)

acrílico sobre tela | 60 x 50 cm | 2020

“Dessas grandes civilizações, tanto indígena quanto africana, eu absorvi a questão da linha, que é infinita à composição. Pego a linha, acompanho a forma. Para mim, é um exercício semiótico. Comecei a desenvolver isso há algum tempo para poder chamar de linguagem. Eu uso pincel como um lápis, não é pincelada. É a linha pela linha”.

J. Cunha



Caminhos Espirituais,
acrílica sobre tela
166 x 200 cm | 2021





Movimentos e Afloramentos "Série Escola de Samba"
acrílica sobre tela | 167 x 214 cm | 2023



Maria Bonita do Céu
acrílica sobre tela | 60 x 50 cm | s/ data



Juventude periférica sem futuro
acrílica sobre tela | 52 x 68 cm | 2015



Templo Alegórico
madeira | 36 x 39 x 10 cm | 2013





Para Exú
acrílica sobre tela
167 x 205 cm | 2021





Jagatirica cabocla
acrílica sobre tela
50 x 66 cm | 2014



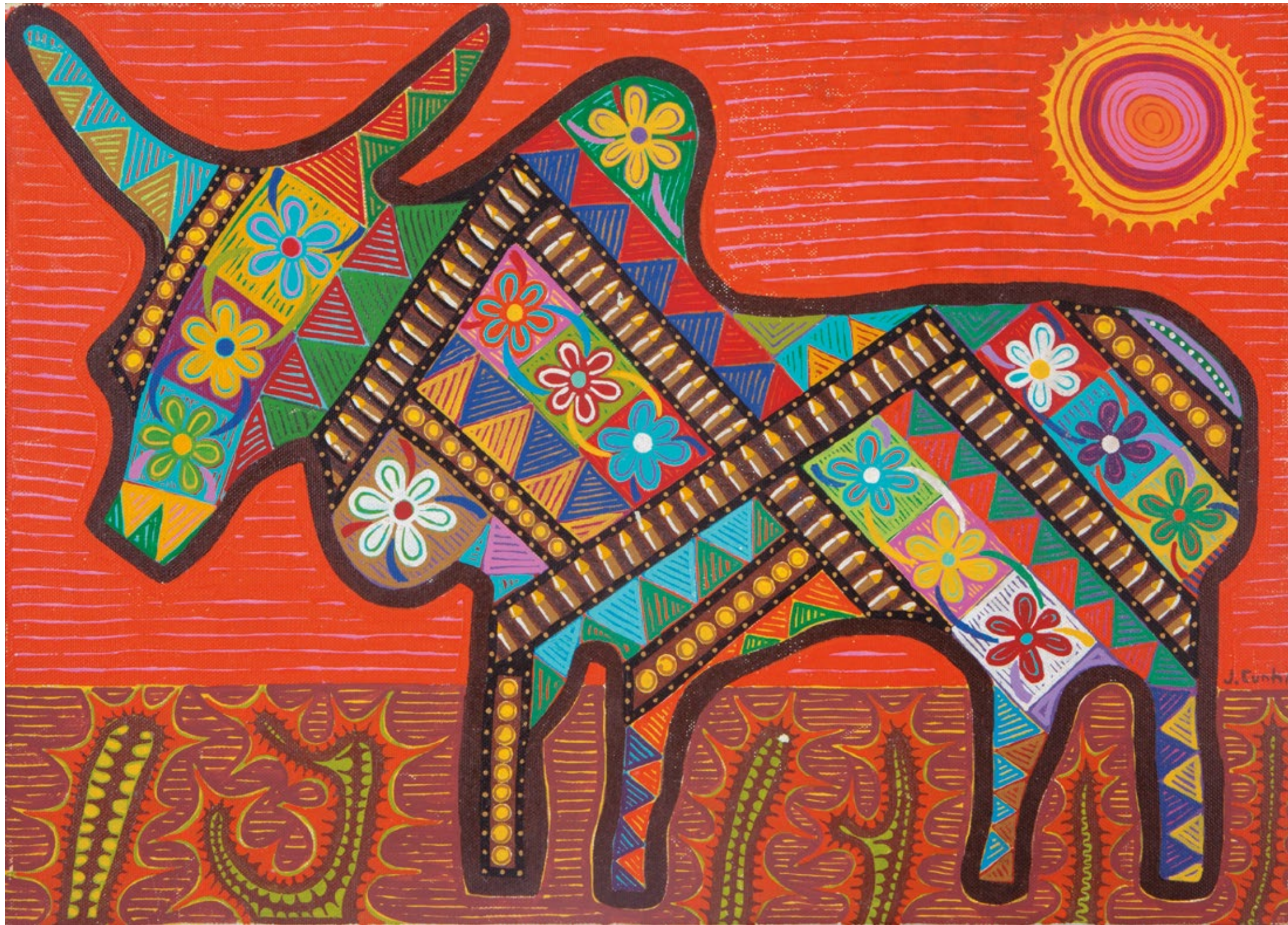


Bordado Cangaceiro

acrílico sobre tela

38 x 45 cm | 2020





Boi Cangaço
acrílica sobre tela
46 x 65 cm | 2018

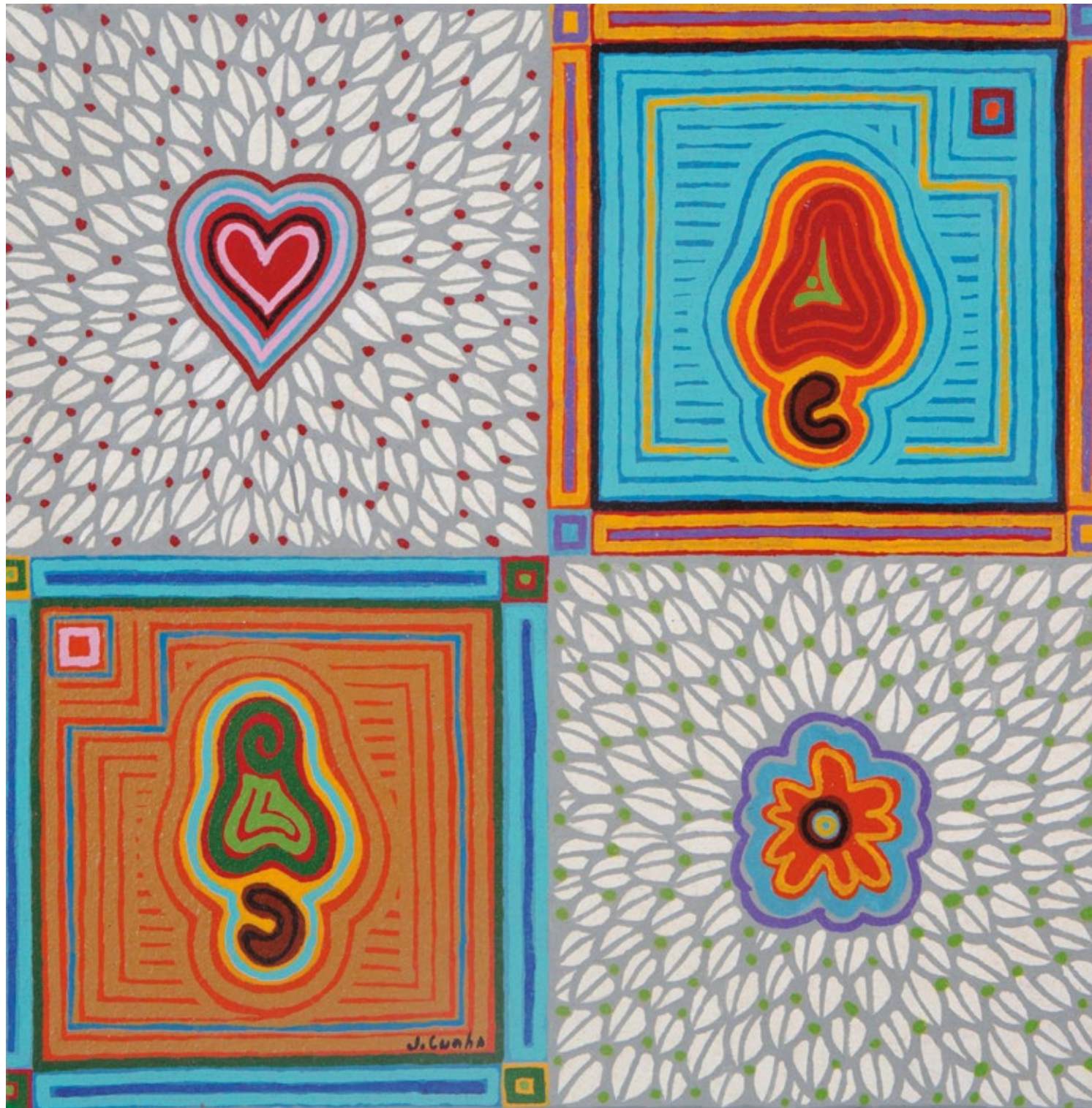


Signos Sertanejos
acrílica sobre tela
47 x 40 cm | 2020





Para os Pretos Velhos
acrílica sobre tela | 22 x 40 cm | 2011



Na varanda
acrílica sobre tela
40 x 40 cm | 2009



Nós Baianos

acrílica sobre tela | 70 x 70 cm | s/ data



Nós Baianos

acrílica sobre tela | 60 x 70 cm | 2011



Tupirama

acrílica sobre tela | 56 x 79 cm | s/ data



Santa Curiboca (Jovem)
madeira | 48 x 27 x 16 cm | s/ data



Santa do Leite
madeira | 48 x 28 x 16 cm | s/ data



Viva Luiz Gonzaga, Sertão

acrílica sobre tela | 40 x 70 cm | 2003



Movimentos e Afloramentos "Série Escola de Samba"

acrílica sobre tela | 167 x 212 cm | 2023



Quintais Tropicais

acrílica sobre tela | 137 x 109 cm | 2005

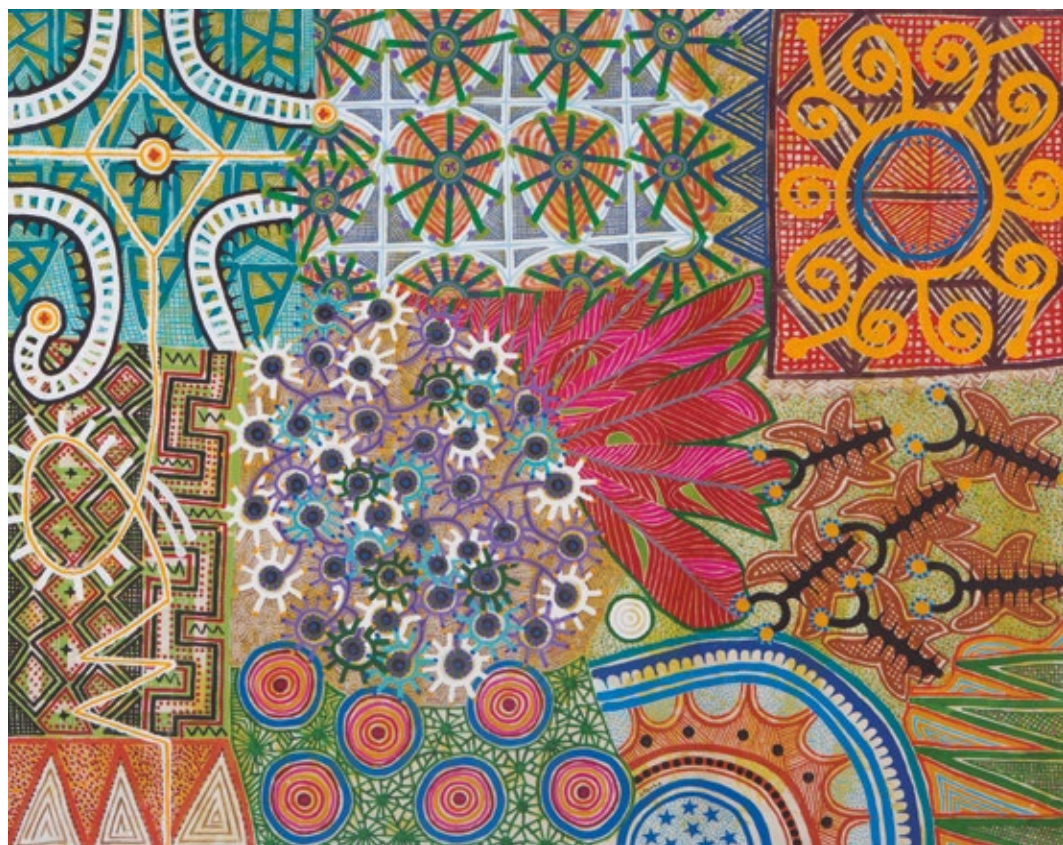


Afroindígena sobre Palmares
técnica mista | 110 x 177 cm | s/ data



Movimentos e Afloramentos
"Série Escola de Samba"
acrílica sobre tela
167 x 211 cm | 2023





Movimentos e Afloramentos "Série Escola de Samba"

acrílica sobre tela | 167 x 212 cm | 2023



S/ título

óleo sobre tela | 51 x 62 cm | 2020



**Romaria Chama
corações em Glórias**

madeira

(em cima)

26 x 31 x 4,5 cm

26 x 31 x 4,5 cm

(embaixo)

78 x 40 x 7 cm

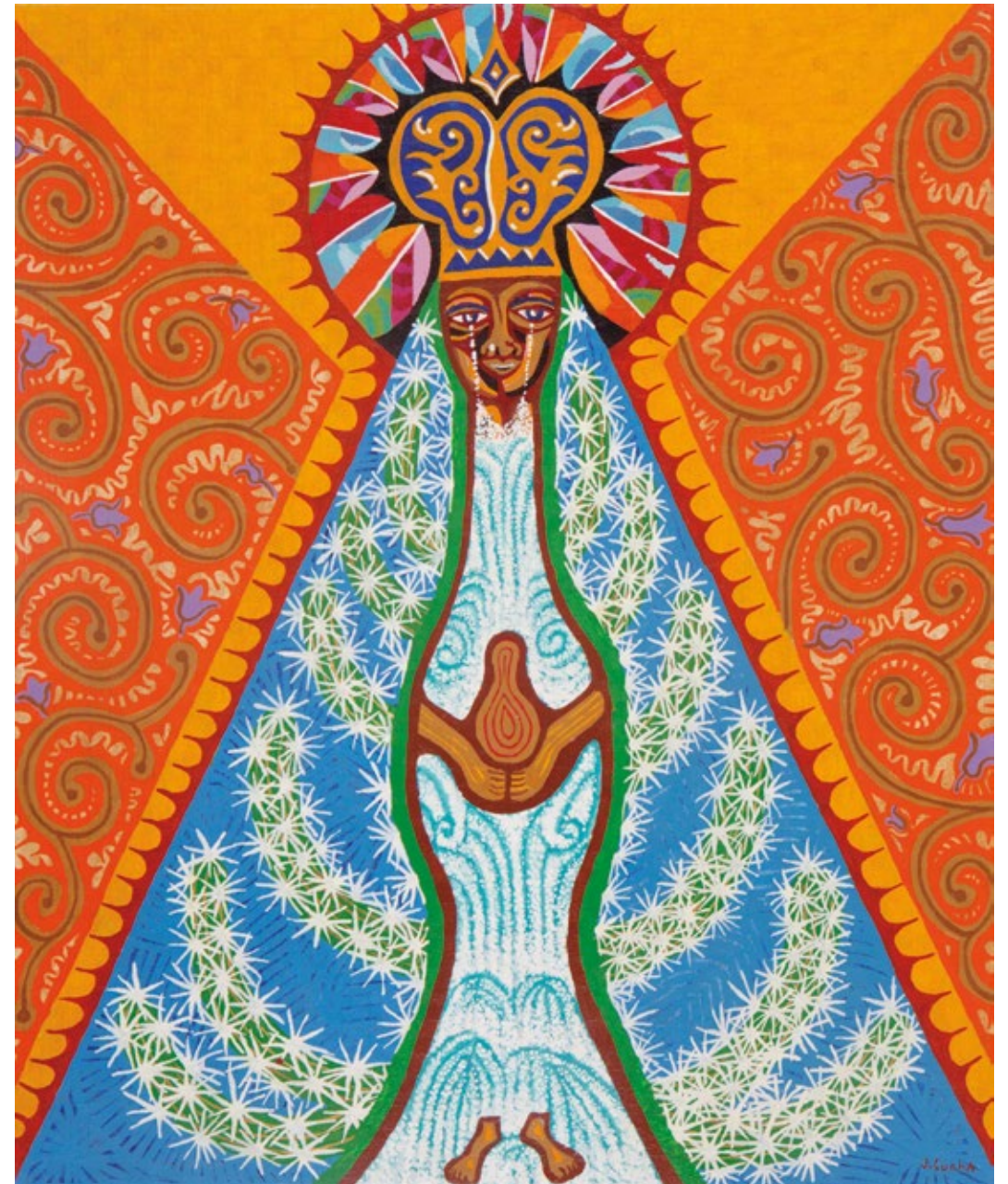
69 x 41 x 7 cm

79 x 40 x 7 cm

s/ data



Santa D'Água
técnica mista
58 x 48 cm | s/ data





S/ título

madeira pintada | 54 x 40 x 13 cm | s/ data



S/ título

madeira pintada | 31 x 50 x 15 cm | s/ data



S/ título

madeira pintada | 32 x 42 x 10 cm | 2013



S/ título
cerâmica pintada
40 x Ø 45 cm
2004



S/ título
cerâmica pintada
31 x Ø 40 cm
2003



S/ título
cerâmica pintada
40 x Ø 46,5 cm
2004

1948

Nasce na Ponta de Humaitá, na Península de Itapagipe, em Salvador, Bahia, José Antônio Cunha. Descendente de bantos africanos e de índios kiriris, filho de mãe sertaneja de Canudos e de pai descendente de ciganos da Armênia, territorialidades afetivas que estão impressas em sua obra.

1966

Aos 18 anos, J. Cunha entra no curso livre de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – um marco importante que definirá sua produção artística. Recepcionado por uma tríade de artistas e professores, formada por Juarez Paraíso, Mario Cravo Jr. e Emídio Magalhães, J. Cunha dá início a um processo de imersão na arte de forma orgânica e intelectual, na busca de suas raízes profundas: bantos e kiriris. J. Cunha frequenta a Escola de Belas Artes até 1969.

1968

A inquietação artística de J. Cunha o leva para o Viva Bahia, grupo criado pela etnomusicóloga Emilia Biancardi em 1962. Cunha foi cenógrafo, figurinista e bailarino e participou de apresentações do grupo no Brasil e no exterior. Tendo como base a capoeira, o candomblé, o cordel e as manifestações populares rurais e urbanas, o Viva Bahia fazia experimentações estéticas com a cultura afro-baiana e foi fundamental na forma como

a política e a religião se afirmaram na produção simbólica de J. Cunha. Neste ano, o artista, influenciado pelos ventos tropicalistas, também participa da II Bienal da Bahia.

1970

Sua entrada oficial no mundo das artes visuais se dá neste ano, quando recebe o Prêmio Artista da Nova Geração – UFBA / Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM). Como prêmio, ganha uma exposição no MAM, com apresentação assinada por Mario Cravo Jr. “A partir desse momento, me considero um artista”, declara. Participa da pré-Bienal de São Paulo, com pinturas cuja temática era a questão sociopolítica do Nordeste. Sua curiosidade o leva ao Balé Brasileiro da Bahia, criado pela Ebateca. Passa a assinar vários cenários e figurinos para turnês internacionais do Balé.

1972

Convidado pela comissão da Brasil Plástica 72 – Bienal de São Paulo para representar a Bahia, leva Estandartes, sua primeira instalação, com três metros de altura, pintada em preto e vermelho. O trabalho é uma crítica à cultura do consumo.

1974

Claramente influenciado pelos tropicalistas, dirige o filme *Noite Alta Céu Risonho*. Feito em Super 8 e nunca

lançado, conta a história de um cangaceiro que sequestra a Miss Bahia, que é salva por um super-herói nordestino.

1975

Passa a ser representado pela Galeria Cavalete, onde faz diversas exposições.

1976

Primeira exposição individual no MAM-BA, Sertão e Luz, na qual apresenta múltiplas artes: pintura, desenho, dança, poesia, literatura e performance. Transforma o Solar do Unhão em uma festa de largo.

1977

É o primeiro artista a ganhar, na categoria Melhor Figurino, o Prêmio Martim Gonçalves, com o espetáculo *O Meio do Mundo*.

1978

Participa da Bienal Latino-Americana de São Paulo com a ambientação plástica para o espetáculo *Ao Pé do Caboclo*, do grupo experimental de Dança da UFBA, com coreografia de Lia Robatto, com quem fez diversos outros trabalhos.

1979

Cria a identidade visual, como cenógrafo e figurinista, do bloco afro Ilê Aiyê, definindo inclusive suas cores – amarelo, branco, vermelho e preto –, a partir de seus significados políticos,

ideológicos e religiosos, e também participa dos desfiles do bloco até o ano de 2005.

1981

Assina o cenário e os figurinos de *Maria Quitéria* (1981), *Sonhos de Castro de Alves* (1982) e *Tropicália: Relíquias do Brasil* (1983) para o Balé do Teatro Castro Alves (BTCA). É um colaborador eventual do BTCA.

1984

Elabora o design da capa do primeiro disco do Ilê Aiyê, *Canto Negro*. Faz parte da equipe de decoração do Carnaval de Salvador: Bahia, Cem Anos de Folia.

1988

Participa do Projeto Nordeste de Artes Plásticas, exposição itinerante que percorre todas as capitais nordestinas, ao lado de artistas como Juarez Paraíso, Bel Borba, Murilo, Cesar Romero, Juraci Dórea, Sonia Rangel, entre outros.

1990

Participa do livro *A mão afro-brasileira*, organizado por Emanuel Araújo, que registra a presença e a produção de negros e mulatos nas nossas artes e letras.

1991

Ao lado do irmão Babalú, J. Cunha participa da Quinzaine Culturelle Brésilienne-Peintres Brésiliens, em Genebra, na Suíça. Em sua trajetória internacional, também participou de exposições de arte negra em Los Angeles e Oakland, nos Estados Unidos.

1992

Assina a cenografia e os figurinos do show da cantora Daniela Mercury O Canto da Cidade, com o qual a axé music ganha projeção nacional. Trabalha também com os artistas baianos: Márcia Short, Márcia Freire, Netinho, Lazzo Matumbi, entre outros.

1993

Cria os figurinos da peça *Canudos: a Guerra do Sem Fim*, encenada na Concha Acústica do Teatro Castro Alves.

1997

Assina a capa e as ilustrações para o livro *Mãe Hilda: a história da minha vida*, publicação do Ilê Aiyê sobre a mãe de santo e fundadora do bloco. Participa do The Refugee Project-Silent Auction, no The Museum for African Art, New York City, organizado pela cantora Lauryn Hill.

1998

Assina os figurinos do Carnaval baiano 30 anos de Tropicalismo. Faz releitura dos parangolés de Hélio Oiticica para vestir os homenageados: Caetano Veloso, Gilberto Gil e Gal Costa.

2000

É um dos artistas premiados da exposição Art for Expo, em Hannover, na Alemanha.

2001

Ganha o Prêmio Copene de Cultura e Arte e monta a exposição *A Vida Popular, As Cores da Terra*, no Centro de Memória e Cultura dos Correios, Pelourinho, Salvador.

2003

Faz uma série de exposições em Michigan, nos Estados Unidos.

2004

Cria e supervisiona de figurinos e adereços para o show Gilberto Gil e os Quatro Cantos, no Teatro Castro Alves. Convidado pela Fundação Casa de Jorge Amado, ilustra o livro *Cinco histórias*, de Jorge Amado, ao lado de Calasans Neto, Bel Borba, Murilo e Sérgio Rabinovitz.

2005

Participa da exposição Brasil e Estrelas, na Prefeitura de Paris, integrado a programação do Ano do Brasil na França.

2006

Desenha o cartaz e elabora a identidade visual do longa *Jardim das folhas sagradas*, de Pola Ribeiro, lançado em 2011.

2007

Participa da exposição As Portas do Mundo – Pluralidade na Lusofonia, que percorre alguns países da Europa e da África.

2008

Como resultado do trabalho gráfico criado para o Ilê Aiyê, J. Cunha é convidado para a Biennale Internationale du Design Saint-Étienne, na França.

2009

É um dos convidados da exposição coletiva Design Brasileiro Hoje: Fronteiras, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, ao lado de Gringo Cardia, Os Gêmeos e Guto Lacaz.

2012

Cria a identidade visual e ambientação cenográfica para o projeto Carnaval Ouro Negro.

2014

É um dos convidados da III Bienal Nacional da Bahia, com a apresentação do painel Códice, no Espaço Cultural Hansen Bahia, em Cachoeira. Cria o gradil Histórias de Ogum, para compor o acervo do Museu Nacional da Cultura Afro Brasileira (Muncab), em Salvador.

2015

Lançamento do documentário *A vida estampada de J. Cunha*, produzido pela TVE-Bahia.

2016

É publicado pela editora Corrupio o livro *O universo de J. Cunha*, com organização de Danillo Barata.

2023

Exposição Uanga. Retrospectiva de 60 anos de trajetória do artista no MAM-BA.

Biografia extraída do livro *O universo de J. Cunha*, de Danillo Barata (Corrupio, 2016).



SPArte 24 | 3 a 7 de abril

Pavilhão da Bienal | Parque do Ibirapuera | Portão 3 | Stand C02
São Paulo



ORGANIZAÇÃO

Thais Darzé
Paulo Darzé

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Cica Lima

PROJETO GRÁFICO DO CATÁLOGO

P55 Edição

FOTOGRAFIAS DAS OBRAS

Márcio Lima

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Claudius Portugal



www.paulodarzegaleria.com.br

📷 @paulodarzegaleria

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8. Corredor da Vitória – Salvador, Bahia
55 71 3267-0930 / 99918-6205